

INTERSECÇÕES SOCIOCULTURAIS DO PASSADO E DO PRESENTE: A FEIRA LIVRE DE SANTO AMARO¹

Marjori Pereira Santana²

RESUMO

Este artigo analisa manifestações culturais no contexto da feira livre do município de Santo Amaro da Purificação, com base nas relações de trabalho na primeira metade do século XX. Durante esse período foi decretada no Brasil a “lei de vadiagem”, prevista no artigo 59 do Decreto-lei 3.688 de 1941. Esta lei classifica como vadiagem o indivíduo o qual se encontra habitualmente em situação de ociosidade. Dentro desse aporte investigativo, pretende-se compreender, com base nas relações de trabalho no contexto da feira livre do município de Santo Amaro, como estas atividades econômicas praticadas pelo povo egresso da escravidão, permite melhor compreensão da vida social, econômica e política de ex-escravizados. O comércio de mercadorias em regime de agricultura familiar, bem como serviços praticados por homens e mulheres nas feiras livres, foram eventos analisados no presente trabalho, o que exemplifica atividades da população negra no pós-abolição.

Palavras-chave: Brasil - História - Lei da vadiagem, 1941; escravidão - Brasil; feiras livres - Santo Amaro (BA).

ABSTRACT

This article analyses cultural manifestations in the context of the street market in the municipality of Santo Amaro da Purificação, based on labor relations in the first half of the 20th century. During this period Brazil enacted the "lei da vadiagem" (vagrancy law), provided in article 59 of decree-law 3.688 of 1941. This law classifies as vagrancy an individual who is habitually in an idle situation. Thus, within this investigative contribution, we intend to understand, based on the labor relations in the context of the Santo Amaro Street market, how these economic activities practiced by people coming out of slavery, allows a better understanding of former slaves in this context. The commerce of goods in family farming, as well as services practiced by people in the street market, were events analyzed in this work, which exemplifies activities of the black population in the post-abolition period.

Keywords: Brazil - History - Vagrancy law, 1941; slavery - Brazil; street markets - Santo Amaro (BA).

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado a Licenciatura em História da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Victor Martins de Souza.

² Licencianda em História pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

O universo do trabalhador rural negro no Brasil do final do século XIX e início do século XX é pontuado por diversas nuances conflituosas, além dos desgastes gerados com o fim dos processos escravagistas no país. Essa lacuna de desigualdades e centralização do poder, conseqüentemente, não difere dos séculos seguintes. Segundo o sociólogo, Victor Nunes Leal, as desigualdades sociais no Brasil é fruto de uma política escravagista que tem se arrastado desde um passado remoto até a contemporaneidade, significando dizer que tal fenômeno passa necessariamente pelo período do pós-abolição. De acordo com o autor, “A maior parte do eleitorado rural — que compõe a maioria do eleitorado total — é completamente ignorante, e depende dos fazendeiros, a cuja orientação política obedece” (LEAL, 2012, p. 59).

Em consequência desse fator, o social reflete o político no que se refere à organização agrária no Brasil, a partir da qual os chefes dos partidos tinham de se entender com os fazendeiros, por intermédio dos chefes políticos locais. Dessa forma, possivelmente, para conseguir o seu sustento, os escravizados buscavam tanto nos trabalhos das fazendas do país quanto nas feiras dos municípios a mísera condição de sobrevivência, mesmo após décadas e após a escravidão e tortura consensualmente aceita pela sociedade. Todavia, mesmo esse singelo ofício, que teria como concepção hereditária o trabalho em regimes agrícola, estava agregada ao apadrinhamento ou favorecimento de “poucos” e perdurou além dos canaviais e engenhos, com o coronelismo de norte a sul do país, conforme demonstra o trabalho de Leal (2012).

Cabe ressaltar que a atividade remunerada mais acessível à população egressa da escravidão era a participação nas "feiras livres" nas vilas e freguesias da capitania da Bahia. No entanto, é preocupante constatar que, mesmo no século XXI, o estado da Bahia ainda enfrenta um regime de semiescravidão, apesar da abolição oficial pela lei Áurea. Segundo Araújo (2013), essas feiras não apenas estabelecem relações sociais e de convivência, mas também refletem expressões culturais, valores e costumes, preservando a identidade desses indivíduos, mesmo diante de adversidades.

A origem das feiras livres está relacionada ao renascimento das atividades comerciais na Europa durante a transição da Idade Média para o período Moderno. No sistema feudal, a sociedade europeia tinha uma economia agrária, voltada para o consumo. Mas o crescimento do comércio levou à substituição do modo de produção capitalista e, com ele, ao desenvolvimento dos mercados de época e das grandes exposições (DANTAS, 2008).

É preciso ressaltar que o Brasil não se tornou uma nação mais homogênea, do ponto de vista social e econômico, diante desse marco regulatório institucional do final do século XIX. Muito pelo contrário, postergou os direitos dos cidadãos filhos e netos de escravizados. Qualquer país que se preze, teria o mínimo de discernimento social em relação ao grupo social que ergueu o país. Entretanto, não somente a condição social dos ex-escravizados não melhorou após a abolição, como também não foi implementado nenhum projeto de reforma agrária no país. A situação do povo negro, era de continuar refém da “consciência” dos senhores de engenho. Logo, a situação dos descendentes e ex-escravizados era cada vez mais precária, devido à ausência de trabalho remunerado, de moradia e de recursos alimentares para si e para a sua descendência.

Dentro dessa natureza controversa no que diz respeito à igualdade de oportunidades no Brasil, na contemporaneidade desde o pós-escravidão, objetiva-se neste estudo compreender como as bases de relações de trabalho no contexto da feira livre do município de Santo Amaro, e como estas atividades econômicas praticadas pelo povo egresso da escravidão, permite melhor compreensão de ex-escravizados. O comércio de mercadorias em regime de agricultura familiar, bem como serviços praticados por homens e mulheres nas feiras livres, foram eventos analisados no presente trabalho.

A metodologia utilizada neste estudo pautou-se em uma revisão da literatura, com a consulta a livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de busca nas bases de dados on line e obras em formato físico, tendo por tema o movimento das feiras livres de Santo Amaro.

O trabalho é apresentado em três momentos, além desta introdução, apresenta-se o contexto histórico da cidade de Santo Amaro, a apresentação das feiras livres como espaços de riqueza cultural, o Bembé do mercado, passado e presente, e as considerações finais.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE DE SANTO AMARO

A cidade de Santo Amaro³, ou a antiga Vila de Santo Amaro, foi criada junto a outras 15 vilas, no início do século XVI. Em 1534, uma das primeiras capitâneas doadas foi a

³ Sobre a implementação da Vila de Santo Amaro junto a outras 15 vilas pertencentes à capitania da Bahia a partir do início do século XVI, ver Arquivo nacional, memória da administração pública, <http://mapa.an.gov.br/>

da Baía de Todos os Santos, sendo seu donatário Francisco Pereira Coutinho, fidalgo português. As instituições públicas eram fincadas sob instrumentação jurídica, consubstanciada ao código filipino, de 1603, por intermédio do qual foram juridicamente instituídas as vilas pertencentes a capitania da Bahia. Nesse contexto, foram construídos paços nos moldes da arquitetura portuguesa, no contexto de uma lenta urbanização, cujo maior intuito era o de cobrar impostos públicos, além da Coroa portuguesa e as elites lucrarem com a atividade escravagista, nos termos de uma economia sustentado pela grande propriedade, o que Caio Prado Jr. denominou como “plantation” (PRADO Jr., 2010).

As feiras livres, de acordo com a historiografia do recôncavo, desempenharam papel crucial na economia e manejo de insumos para as populações cativas nos engenhos durante o plantio e colheita da produção açucareira em todo o recôncavo, setecentista e oitocentista.

Não tivemos acesso a registros escritos que datassem a origem da feira, nem de forma aproximada. Sabemos que, no final do século XIX, a referida feira de Santo Amaro já existia. Tivemos acesso a uma fotografia (Figura 1) do antigo edifício do mercado, que fora demolido para dar lugar ao atual. Também tivemos acesso a um desenho (Figura 2) da autoria de Zilda Paim, datando a construção da edificação em 1893 (a feira, sabemos, é anterior ao prédio do mercado). No desenho observa-se a fila de negros defronte ao mercado, entre eles duas ganhadeiras com tabuleiros equilibrados na cabeça, (MARENGO, 2016, p. 231).

Figura 1 - Mercado municipal de Santo Amaro, segunda metade do século XIX



Fonte: Marengo (2016, p. 224).

Figura 2 - Ilustração antigo mercado



Fonte: adaptado de PAIM (2009).

Os caminhos antes e durante todo o pós-escravidão convergiam para a grande população egressa ao trabalho informal nas feiras, comercializando o que conseguiam plantar ou arrendar em roças em que alguns poucos alforriados conseguiam adquirir ao custo de longos anos na lida do canavial. O desenvolvimento histórico do Recôncavo passa necessariamente pela produção de açúcar e agricultura da plantation. Durante mais de trezentos anos escravizados africanos e descendentes cativos nascidos no Brasil trabalharam nos canaviais e nos engenhos baianos para a produzir açúcar para o mercado mundial (BARIKMAN, 2003, p. 306).

Segundo os historiadores do recôncavo, a produção dos gêneros alimentícios teria papel fundamental no desenvolvimento da economia local, sobretudo nos mercados municipais, nos quais os lavradores e senhores de engenhos alimentavam suas famílias e os escravizados e, por fim, comercializavam o que plantavam⁴ em meio as feiras livres. Todavia, o que se pretendeu ao analisarmos os documentos históricos direcionados ao surgimento do comércio das feiras livres por escravizados libertos foi compreender os acordos com a sociedade dominante na viabilidade, logística, bem como as articulações para o plantio e a colheita de tais produtos comercializados. Buscou-se também saber quais eram as feiras de maior relevância para os senhores de engenhos, no que diz respeito a compra de víveres de substância, tanto para casa grande quanto para os seus escravos. Outro aspecto bastante relevante dessa pesquisa, foi o de buscar respostas sobre os espaços geográficos em detrimento de quais alimentos eram mais propícios e comerciáveis em determinadas localidades do recôncavo da Bahia.

⁴ Sobre a comercialização dos produtos agrícolas, sobretudo nas feiras livres de Nazaré Das Farinhas, importante polo produtor de gêneros alimentícios no século XVII, ver Bart Barikman, Pág. 306, 307, do Livro, Um contraponto Baiano.

Sendo assim, seguindo esse contexto, tivemos como ponto norteador o estudo de vilas como Nazaré Das Farinhas, que segundo a historiografia se apresentava como um importante polo na produção alimentícia tais como: farinha de mandioca, peixe seco e verduras, a partir do século XVII.

A política de abastecimento do antigo sistema colonial refletia as orientações mercantilistas que nortearam a expansão comercial europeia. Nos domínios de ultramar, foram adotadas doutrinas e práticas econômicas dominadas pelo protecionismo e pelo intervencionismo do Estado. Entretanto, a política de abastecimento nas colônias de exploração, além de garantir suprimentos para alimentar as crescentes populações urbanas, atendia exigências específicas da estrutura econômica agroexportadora, (SIMÕES FILHO, 2011, p.25).

Essas e outras conclusões, trazidas por narrativas de diversos historiadores, nos dá exata dimensão das atividades comerciais agrícola nas mais diversas vilas e freguesia da capitania da Bahia, a partir do século XVI, com a expansão do mercantilismo no Brasil. Porém, vale ressaltar que havia um comércio agregado mais fortemente à atividade canavieira no recôncavo da Bahia, na qual dependia da atividade comercializadas nas feiras livres, tais como farinha de mandioca, peixe seco e verduras, principal base alimentar dos cativos.

2.2 FEIRAS LIVRES COMO ESPAÇOS DE RIQUEZA CULTURAL EM SANTO AMARO

O surgimento das primeiras feiras, segundo estudos historiográficos, é datado do século XI. No que se refere às feiras livres da Bahia, as atividades nelas exercidas tiveram grande relevância durante o período açucareiro, com produção de peixe secos e farinha de mandioca uma destinada aos escravos dos senhores de engenhos. Nesse sentido vale ressaltar a importância desse comércio informal, sobretudo no recôncavo, localidade na qual o ofício foi durante muito tempo uma das poucas modalidades de trabalho para sobrevivência de homens e mulheres negras após a abolição da escravatura. Ademais, na região Nordeste do Brasil, as feiras livres são responsáveis pelo sustento de inúmeras famílias.

Na feira livre de Cruz das Almas, no Recôncavo baiano, nota-se diversidade de produtos dispostos no espaço público, como acontece em grande parte das feiras brasileiras. Todavia, segundo as descrições e pesquisa das feiras livres nos espaços regionais do recôncavo, a feira livre de Cruz das Almas é tão antiga quanto o surgimento da cidade, mas infelizmente, não existem dados oficiais que comprovem sua origem, (OLIVEIRA, 2018).

A historiografia ligada aos trabalhos informais do pós-escravidão, ao pesquisar essas ações e relações de trabalho, passou a compreender melhor tais ofícios, concebendo-o não

como um trabalho maçante, vinculado a pobres e negros, mais como uma atividade que atravessa a barreira dos séculos como unidade comercial de suma relevância para a economia do país. Dessa forma, estudos mostram que as feiras livres enquanto práticas humanas têm dimensões e concepções econômicas e cultural relacionada aos saberes e práticas africanas no contexto antes da diáspora negra na modernidade.

Por conseguinte, as feiras livres destacam-se em diversos municípios e cidades cosmopolita como Salvador, como a tradicional feira de “São Joaquim”, a qual apresenta elementos comuns e singularidade em seus hábitos e produtos comercializados. Nesse contexto comercial, vincula-se ao seu formato as especiarias e sabores que se compõe em emaranhados produtos, e são diversos, a títulos de reconstrução do seu fluxo cultural miscigenado, no qual residem antigos mercados tais como a rota do mediterrâneo a partir do século XVI.

Em Santo Amaro, assim como em boa parte do recôncavo baiano, a feira passa a ter caráter fundamental na subsistência humana, considerando que havia intenso fluxo na atividade rural, de plantio e comércio em boa parte do seu território, comercializado na zona urbana. Entretanto, a pesquisa relacionada a feira livre a que compreende esse recorte historiográfico, entre as três primeiras décadas do século XX, busca interagir sobre as relações entre os feirantes e o estado brasileiro, no que tange a lei da vadiagem implementada a partir de 1935.

Ao avançarmos com a busca por fontes primárias, esmiuçamos os documentos de arquivos de delegacia (queixas), sendo possível entender os entraves encontrados pela população egressa da escravidão ao comercializar seus produtos agrícolas. Então, o universo do trabalho informal, sobretudo (feiras livres), têm sido alvo de muita perseverança e persistência para com as instituições de controle e ordenamento do solo em várias regiões do país. Entretanto, algumas feiras encontradas em regiões tais como Norte e Nordeste, tem seus produtos diversificados das feiras livres tradicionais, tendo em vista o oportunismo da diversidade, bem como do oportunismo de algumas lacunas da própria região.

Os aglomerados de micro e pequenas indústrias se desenvolveram na Mesorregião do Agreste Pernambucano, área de transição entre a Mata úmida e o Sertão semiárido, possuindo três municípios que se destacam na atividade produtiva da confecção. Entre eles: Caruaru, situado na Microrregião do Vale do Ipojuca, a 136 km da capital do Estado, às margens da BR-232, e os municípios 100 de Santa Cruz do Capibaribe, que dista 180 km da capital e Toritama, a 167 km, situados na Microrregião do Alto Capibaribe (LIRA, 2005, p. 3).

Ao trazer a esse artigo algumas abordagens de feiras ao redor do país, podemos perceber que o formato das feiras livres se constitui nos espaços públicos, motivos pelos quais

contrapõe ao estado no que tange ao seu papel de fomentação de políticas públicas. Essas ações governamentais deveriam fornecer ao cidadão à sua sobrevivência plena através do seu trabalho. Assim versa o Artigo 7º da constituição federal, sobre os direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, oriundos de tais concepções institucionais.

No que se refere ao município de Santo Amaro, ele está situado a uma área de 495,502M2, (2021), uma população estimada em 60.190 pessoas, (2021) e uma densidade de 117,26 habitantes por M.2, além de um IDHM de 0,646(2010), seu PIB gira em torno de 14.435.27, (2020), segundo o último censo do IBGE. Entretanto, os gráficos demonstram por si só o baixo índice de desenvolvimento humano, fruto de políticas públicas que não priorizam a população mais necessitada, o que acaba por constituir ou gerar o contraponto social, a lacuna (desemprego) e a fuga em massa para a informalidade.

Via de regra, as feirantes e os feirantes de Santo Amaro abarcam a população mais empobrecida da cidade que não teve a oportunidade de se integrar no mercado de trabalho formal. Por ser uma atividade informal, o trabalho na feira não exige escolaridade. Sendo assim, pessoas de qualquer faixa etária podem se tornar feirantes. Além disso, outros fatores como condições sociais e desemprego levam as pessoas a trabalharem na feira livre do município (SANTOS, 2021, p. 3).

A feira livre de Santo Amaro, assim como tantas outras no nordeste brasileiro, tem se tornado em uma grande válvula de escape para diversos município no que diz respeito a empregabilidade, giro de capital para o fortalecimento da economia, além de promover a integração social entre os cidadãos, contribuindo para a redução da criminalidade.

Um dos aspectos a ser pontuado são os fatores culturais que integram os homens à sua localidade de trabalho, somando-se a isso a característica de um ambiente construtivo e diversificado, no qual ocorrem cânticos e chulas, além do famoso Bembé do mercado, anexo à feira de Santo Amaro. Além disso, os espaços urbanos na Bahia, sempre tiveram seu desenvolvimento social e econômico sustentável, ao consubstanciar sua expertise comercial ligada ao torrão acolhedor do velho recôncavo.

A historiografia evidenciou, ao longo dos últimos anos, a feição plural do Recôncavo da Bahia. Nessa área se desenvolveu uma economia amplamente diversificada. Produtos ligados ao setor exportador e plantações cujo destino final era o mercado interno dividiram o espaço do solo do Recôncavo. (ROCHA, 2015, p. 143).

Nesse sentido, a economia da Bahia dos últimos 300 anos pode se relacionar com as atividades comerciais das vilas e atuais cidades do recôncavo, que tem fomentado o abastecimento de mercadorias e geração de negócios envolvendo as feiras livres na primeira

capital do Brasil, a cidade de São Salvador. O açúcar, o fumo, o café e farinha, por exemplo, foram alguns dos produtos diuturnamente comercializado pelos agricultores, senhores de engenhos, no qual tinham como porto dos saveiros e entreposto comercial as feiras de Salvador, capital baiana. Dessa forma, é preciso ressaltar a multiplicidade dos espaços e territórios que ali se fazem presentes cada um deles oriundos do universo das feiras em princípio da capitania da Bahia, até o final do século XIX, culminando com a sua perpetuação ao início do século XX.

À beira de uma “cidade-feira”, uma feira. Crescendo e aninhando uma teia com o Recôncavo da baía. Muitas embarcações numa rica fronteira líquida. Um incêndio. O deslocamento. Outro lugar. Outro nome: São Joaquim. Rodovias. Supermercados e outras formas de abastecimento. Intervenções sanitárias. Ameaças de deslocamento e “revitalização”. Tensões. Percebendo a Feira de São Joaquim enquanto um fenômeno de longa duração, como manifestação de um determinado passado de precursores: as relações mercantis, o sistema econômico do Recôncavo da Baía de Todos os Santos e as atividades e loci de inserção da população pobre, negra e migrante, (COSTA, 2010, p. 8).

As ações compostas ao redor da feira se dão conta de uma difusão de serviços e manifestações culturais e artísticas, que abarcam a estrutura desse universo de comércio popular no dia a dia das pessoas, em suas múltiplas classes e etnias, também sobre os olhares da visitação turística. Às margens do Rio Subaé, a feira livre de Santo Amaro ver surgir seus poetas e cantadores, tais como “Caetano Veloso e Maria Betânia”, Raimundo Sodré, Irene do Prato, dentre tantos outros os quais cantam e versam sobre a humildade do povo Santa-marense e sua feira livre.

Ainda às margens do rio e da feira, ver-se surgir outros cânticos, como a capoeira, o maculelê, a chula cantada em lamento de escravo, além do famoso “Bembé do Mercado” no dia 13 de Maio. Essas e outras manifestações culturais em algum momento se depararam, o institucional com o cancionário das feiras livres, nas quais emergem as manifestações da oralidade materna, no opúsculo cordéis que se elevam ao cume os signos da ancestralidade negra, confluyente aquele lugar.

2.3 BEMBÉ DO MERCADO: PASSADO E PRESENTE NEGRO

A festa do Bembé de Santo Amaro é oriunda da lei Áurea quando ocorre a chancela do fim da escravidão no Brasil em 1888, durante o fim de semana que se sucedeu, o mercado de Santo Amaro, através de escravos de diversas região do recôncavo da Bahia festejava com os cânticos do candomblé o fim do cativo.

Bembé toca no mercado, mercado ê (bis)
 Na festa de Santo Amaro, Bembé toca no mercado, Bembé toca no mercado ê.
 Na feira de Santo Amaro, Bembé no 13 de Maio, Bembé toca no mercado ê
 Em plena segunda feira tem festa de orixá, padê no caminho da feira, tem preto a
 cantarolá... Vem gente de todo lugar, vem gente de todo lugar... ô Bembé.
 (Autor, Beto Blues compositor de chula do recôncavo)

Desde tempos remotos ocorreu junto ao mercado da vila os espaço de feira livre, que servia de porto de carga e descarga das mercadorias vindas de outras vilas produtoras de diversas culturas agrícolas, tais como o fumo, a farinha de mandioca, o peixe seco e verduras. Embora já venha a ressaltar da cumplicidade social e econômica das feiras livres, sobretudo para o povo negro egresso do cativo, as feiras livres são na realidade lugar síntese de fala do povo negro.

As concepções e construções pactuadas no passado, são reflexo das relações sociais e econômicas, que difunde a cultura gastronômica negra, preparada com os produtos da feira, das quais são recorrentes de um determinado espaço público pela ação de comércio popular. Dessa construção de saberes culturais, promovem-se as feiras livres de Santo Amaro, uma indiscutível relevância para a sua população, assim como ocorre em outras partes do nordeste brasileiro. Esses complexo de atividade laboral, continuam a se justificar como a única fonte de renda de inúmeras famílias que não encontraram em outra atividade econômica alternativa para o ganha pão do dia a dia.

Os espaços das feiras na região do recôncavo da Bahia, se apresentam como uma enciclopédia da vivência cultural e comportamental dos ancestrais, (negros), embora essas experiências tenham sido emanadas à luz do cativo. Os aspectos filosóficos característicos e oriundos do povo negro em contexto de diáspora, se intensificam bastante em seus cidadãos Santa-mariense, presentes nestas localidades. Os laços decorrentes da arte e da cultura⁵ negra nordestina são fragmento sociais dos quais corroboram e continuam fortemente presente em seus descendentes, tais como o “cordel”, com o seu cancionero e suas mensagens e abordagens literárias.

Anteontem minha gente,
 Fui juiz numa função
 De violeiros no nordeste, cantando em competição
 Vi cantar Dimas Batista e Otacílio seu irmão
 Ouvi um tal de Ferreira,
 Ouvi um tal de João

⁵ Art. 12 A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Passa a vigorar acrescida dos seguintes artigos. 26-A. 79-A e 79-B: "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares. Toma-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

Um a quem faltava um braço,
 Tocava com uma só mão
 Mas como ele mesmo disse com veia de emoção
 Eu canto a desesperança,
 Vou na alma e dou um nó
 Quem me ouvir vai ter lembrança
 De Tomás de um braço só
 (DJAVAN, Violeiros)

Homens e mulheres trabalhadores que dependem dessas organizações comerciais passam a fortalecer os seus laços ancestrais organizando seus ganhos diante de uma sociedade bastante dicotômica. Dentro desse divisor de águas, do ponto de vista social e econômico, tornam-se cada vez mais competitivo o trabalho nas feiras. O que lhes impõe uma melhor organização ao gerir os negócios e as pessoas que dele dependem.

Entre 1796 e 1807 a Bahia contribuiu com quase 40% de todas as exportações brasileiras de açúcar para o mercado externo, nesse escopo estava a Vila de São Francisco. Toda essa produção tinha como principal suporte o sistema escravista. No entanto, o Recôncavo não cultivava só cana de açúcar devido à variedade de solo existente na região, tal variedade permitiu cultivos de vários produtos alimentícios como, mandioca, feijão, milho, fumo, além de outros gêneros de subsistência que contribuíam para o sustento ou abastecimento de Salvador e os pequenos centros urbanos da região, (FREITAS; SANTANA, p. 2, 2020).

Segundo alguns gestores de políticas econômicas no Brasil, a integração social é um organismo que está ligada a todas as instituições, sejam elas: público, privadas, formal ou aquelas que prestam um grande serviço de fluxo comercial à sociedade, tais como as feiras livres. “Vivemos em uma sociedade de organizações, pois nascemos nelas, aprendemos nelas, servimo-nos delas, trabalhamos nelas e passamos a maior parte de nossas vidas dentro delas, (CHIAVENATO, 2014, p. 38).

Entretanto, dentro desse aporte investigativo, se discute sobre uma maior e melhor organização, bem como da sua requalificação arquitetônica e paisagística. Tornando a feira atrativa pelo seu caráter popular e diversificado, norteando o ambiente das feiras livres ao público de Santo Amaro, mas também instrumentalizando-a como ferramenta cultural e turística. Seu apreço sociocultural é de fundamental relevância para fomentação da economia local, uma vez que a feira livre de Santo Amaro passa a se constituir como localidade de fomentação turística mais bem visitada do recôncavo, segundo depoimento de alguns feirantes. Seus produtos e pessoas ligadas à sua diversidade comercial, tais como o comércio de roupas, além de outros produtos de custo fixo, (qualquer peça, \$ 9.99), sobretudo nas segundas feiras, dia em que a feira local atrai comerciantes e consumidores de toda a região do recôncavo. Ao buscarmos entender como se deu esse universo de mercado que passa a inserir outras culturas

paralelas ao comércio agrícola, compreendemos o papel social aqui desempenhado por todos os feirantes, no qual vai além do seu conceito cultural e artístico, e que está intrínseco a toda sua população.

As aprendizagens e saberes encontrados na feira livre fazem parte do cotidiano da sociedade, e muitas vezes passam despercebidos por já fazerem parte da rotina do espaço. A feira possui uma educação não formalizada, onde os saberes são construídos no “mundo da vida” como afirma Santos (2021 apud Ghon, 2010, p. 6).

O emoldurado histórico encontrado nas cidades do recôncavo baiano, remontam um passado triste na história do escravagismo ao povo negro dentro das casas grandes, na Bahia e no Brasil, durante o período áureo da produção açucareira nos engenhos. Porém, seus aspectos culturais e urbanísticos, sobretudo com a arte e a cultura negra, que ainda perdura aos quatro cantos, fazem desses município verdadeiros templos a possuir valor incomensurável para a humanidade, sobre os mais diversos ângulos do universo artístico. A feira livre de Santo Amaro tem tido essa conotação cosmopolita ao longo de quase dois séculos, pois a realização do Bembé do Mercado, no 13 de maio de 1888, foi ali protagonizada. Neste local, segundo a historiografia do recôncavo, havia feirante ao longo do passeio paralelo ao subaé, importante afluente de transporte de mercadorias da época.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho não buscou, de modo algum, empreender pesquisa aprofundada sobre a feira livre de Santo Amaro, pois ela buscou se ater às exigências cabíveis de um trabalho de conclusão de curso. Assim, buscamos somente elencar fatores que possam nos ajudar a refletir sobre as intersecções culturais oriundas do passado e que ainda hoje está presente na feira de Santo Amaro. Para tanto, foi preciso desconstruir alguns estereótipos condicionados aos feirantes, estereótipos esses que se ancoram no racismo, pois boa parte dos trabalhadores são negros.

Considera-se também que as feiras livres são lugares que suscitam reflexões sobre as nossas raízes afro-brasileira, na qual se pauta a sua subjetividade cultural, seja na culinária, na música ou na religiosidade ao longo das feiras. Enfim, esse tem sido o palco de inúmeras vivências do cotidiano negro ao longo ao menos de todo o século XX e sua contemporaneidade, antes e durante o pós-abolição.

O município de Santo Amaro, assim como demais municípios, possui população majoritariamente pautada por negros e pardos, que se somam a grande parte do povo que circunda o recôncavo baiano. Assim, nesse amplo e miscigenado espaço de trabalho e empoderamento negro, na qual são compreendidas as feiras livres, tem sido disseminadas barreiras do racismo contra o povo negro, durante a comercialização dos seus produtos. Entretanto, a feira de Santo Amaro se intensifica como um importante entreposto comercial, que passou a se popularizar e diversificar durante as décadas citadas por esse artigo, por sediar o poder de compras da maior parte dos municípios circunvizinhos.

Vale ressaltar que foi dessa forma, através do seu comércio que passou a dar suporte para os trabalhadores das “Usina Cinco Rios”, e também de Dom João, em São Francisco do Conde, que além da feira de Maracangalha, buscavam na feira de Santo Amaro os utensílios e mercadorias para a sua substância. Esses e outros diagnósticos vem sendo desenvolvidos ao longo de décadas, com o objetivo de atentar as esferas governamentais, sobretudo do recôncavo da Bahia, ao constituir-se em políticas públicas que possam agregar o valor sociocultural das feiras livres, sobretudo do ponto de vista do aspecto “ancestral negro” para as gerações futuras do nosso estado.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO Público Municipal de Santo Amaro.

BETO BLUES. **Bembé Do Mercado**. Chula do Recôncavo. Ed. ABRAMUS.

BRASIL. **DECRETO-LEI Nº 3.688, DE 3 DE OUTUBRO DE 1941**. 1941. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3688-3-outubro-1941-413573-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 26 dez. 2023.

BRASIL. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. 1966. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 26 dez. 2023.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas; o novo papel dos recursos humanos nas Organizações**. 4 ed. – São Paulo: Manole, 2014.

DJAVAN. **Violeiros - DjavaN - LETRAS.MUS.BR**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/djavan/85925/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

Fotos da feira livre cidade- [https://www.google.com/url?sa=i&url=http 263-Santo-amaro-ba-um-lugar-de-muitos Lugares-](https://www.google.com/url?sa=i&url=http%263-Santo-amaro-ba-um-lugar-de-muitos%20Lugares-) <Pesquisa realizada em 02/01/2023>

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município, e o regime representativo no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

LEMOS, Amalia Ines Geraiges De; CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. . São Paulo: Contexto. 2003. Disponível em: https://repositorio.usp.br/single.php?id=001354137&locale=pt_BR. Acesso em 20 nov. 2022.

LIRA, Sonia Maria. **Os Aglomerados de micro e pequenas indústrias de confecções do agreste: um espaço construído na luta pela sobrevivência**. Tese de Doutora. UFPE. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/228657>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MARENGO, Shanti Nitya. **Santo Amaro - BA: um lugar de muitos lugares**. Programa de pós-graduação em Geografia. UFBA, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/20640>. Acesso em: 05 dez. 2022.

PAIM, Zilda. Disponível em: <http://zildapaim.blogspot.com/>. 2009. Acesso em: 27 jul. 2022.

ROCHA, Uelton Freitas. “Recôncavas” fortunas: a dinâmica da riqueza no Recôncavo da Bahia (Cachoeira, 1834-1889). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23404>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SACRAMENTO, Cleivaldo de Almeida. **Mundos do trabalho no Recôncavo Sul: cotidiano, trabalhadores, costumes, conflitos e solidariedades, 1879 – 1910**. 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11116>. Acesso em: 15 nov. 2022.

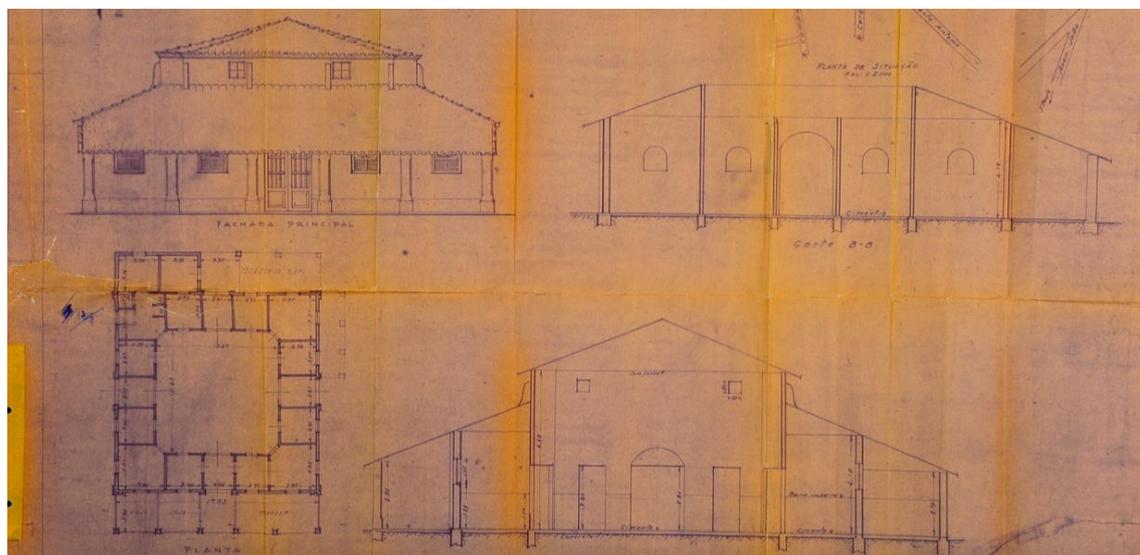
ANEXOS

Antigo Mercado Municipal de Santo Amaro, pré inauguração



Fonte: Acervo Municipal- CONDEPHAAT.

Planta do Mercado Municipal de Santo Amaro



Fonte: Processo 16705/70 do CONDEPHAAT.

Santo Amaro-Bahia, um lugar de muitos lugares



Fonte: Marengo (2016 *apud* autor desconhecido)

Feira livre de Santo Amaro



Fonte: Youtube (2017)

Avenida Presidente Getúlio Vargas : Clube Social Irapuru : Praça 14 de Junho : Santo Amaro, BA



Fonte: autor desconhecido

Festa do Bembé do Mercado reúne membros de 44 terreiros no recôncavo da Bahia



Foto: Geogenes Sampaio; G1